

## O ESTUDO DAS (IR)REGULARIDADES DA LINGUAGEM NAS DIFERENTES CORRENTES LINGÜÍSTICAS DA CONTEMPORANEIDADE

Paula Fernandes Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** A controvérsia analogia-anomalia é foco dos estudos da linguagem desde a Antiguidade, mas até os dias atuais algumas correntes e escolas linguísticas apoiam-se na observação dos aspectos regulares e universais da linguagem, outras, inclusive, fazem das irregularidades e diversidades linguísticas seus objetos de estudo. Na Antiguidade, pensadores como Aristóteles, Dionísio da Trácia e Apolônio Díscolo defendiam a abordagem analogista, enquanto os Estoicos e Varrão eram entendidos como anomalistas. Já na Idade Moderna, correntes como o Estruturalismo e o Gerativismo também buscam identificar e sistematizar os fatores regulares e universais da linguagem, enquanto a Sociolinguística Variacionista e outras correntes pós-modernas olham para a heterogeneidade das práticas linguísticas. Embora existam diferentes abordagens e enfoques no estudo da linguagem, entende-se que todos são relevantes e complementares. É sobre esta diversidade que o presente artigo se debruça.

**Palavras-chave:** Linguagem. Analogia-anomalia.(Ir)regularidades.

## THE STUDY OF LANGUAGE (IR)REGULARITIES IN DIFFERENT CONTEMPORARY LINGUISTIC SCHOOLS

**Abstract:** The analogy-anomaly controversy has been the focus of language studies since Antiquity, but up to the present days, some schools of linguistics rely on the observation of regular and universal aspects of language, while others make linguistic irregularities and diversities their objects of study. In antiquity, thinkers such as Aristotle, Dionysius of Thrace and Apollonius Dyscolus defended the analogist approach, while the Stoics and Varro were understood as anomalists. In the Modern Age, some intellectual movements such as Structuralism and Gerativism also seek to identify and systematize the regular and universal factors of language, while Variationist Sociolinguistics and other postmodern theories seek to understand the heterogeneity of linguistic practices. Although there are different perspectives and approaches to the study of language, it may be assumed that they are all relevant and complementary to each other. This article focuses the variety of these perspectives.

**Key-words:** Language, analogy-anomaly, (ir)regularities

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Estrangeira (EBTT) do CEFET/RJ - Maracanã, na Coordenação de Línguas Estrangeiras / DEMET. Pós-graduada em Língua Inglesa e Mestra em Estudos da Linguagem, ambos pela PUC-Rio.

## Introdução

Desde a Grécia Antiga, período em que tiveram início os estudos linguísticos, diferentes concepções e entendimentos de aspectos concernentes à linguagem coexistem, assim como diferentes grupos de estudiosos, que se alinham a diferentes perspectivas, vêm trazendo à luz variados debates linguísticos ao longo de toda a história. Uma das grandes discussões linguísticas que se tem notícias desde a Antiguidade, e que figura até hoje o foco do interesse de diferentes estudiosos, é a questão da analogia *versus* anomalia, que diz respeito às (ir)regularidades da linguagem (ROBINS, 2004[1979]). Essa controvérsia fomentou inúmeras discussões e debates, principalmente no período antigo, mas, de certa forma, faz-se presente até hoje, no sentido de que algumas correntes linguísticas buscam explicar o que tem de comum na linguagem, enquanto que outras preferem olhar para a sua diversidade.

No presente artigo, a controvérsia analogia e anomalia será entendida, principalmente, no sentido de regularidades (ou universais) e irregularidades (ou variedades) linguísticas, respectivamente. Assim, tem-se por objetivo observar como essa questão foi abordada nos estudos da linguagem por diferentes correntes e escolas linguísticas da contemporaneidade, séculos XX e XXI, além de sugerir uma filiação hipotética de alguns dos principais linguistas desses séculos a um dos lados dessa dualidade. Para tal, apresentaremos uma visão panorâmica dos estudos da linguagem a partir dos anos 1900, focalizando não só nas distinções e semelhanças entre as diferentes correntes, mas, principalmente, no posicionamento delas em relação à busca pelos aspectos comuns ou divergentes das línguas.

### 1. A controvérsia analogia *versus* anomalia ao longo dos séculos

Antes de focalizar no recorte analítico deste trabalho, – o estudo das (ir)regularidades da linguagem nas diferentes correntes e escolas linguísticas dos séculos XX e XXI – faz-se necessária uma breve visita aos principais estudos linguísticos que antecedem esse período.

Ao longo da história, grandes pensadores discutiram sobre a controvérsia entre uma abordagem que privilegiasse as regularidades da língua e outra que olhasse mais para as suas irregularidades. Dessa forma, alguns filósofos da Antiguidade identificavam-se mais

com um ou outro lado dessa controvérsia, havendo, assim, uma nítida distinção entre analogistas e anomalistas. Os analogistas, conforme coloca Robins (2004 [1979]), estavam interessados nas regularidades da linguagem, que se manifestavam através de paradigmas formais, tendo como alguns de seus representantes: Aristóteles, Dionísio da Trácia e Apolônio Díscolo. Já os anomalistas, representados pelos Estoicos e por nomes como Varrão, defendiam que a tentativa de imposição de regras e sistematizações linguísticas era vã, já que a irregularidade é parte comum da linguagem. Porém, essa discussão não se ateve apenas ao período antigo da história.

Durante o século XIX, até o início do século XX, a corrente linguística predominante era a histórico-comparativa, cujo método tratava-se de observar as correspondências entre as línguas, comparando-as. Seu objetivo era identificar as relações de parentescos entre elas, a fim de chegar a uma língua ancestral hipotética, a protolíngua (Faraco, 2005). Dessa forma, seu foco estava na identificação das similaridades/analogias entre as línguas estudadas, tanto em termos fonológicos como morfológicos. Porém, na segunda metade do século XIX, surgiu uma nova geração de linguistas, conhecidos como neogramáticos. Esses, embora também adotassem o método histórico-comparativo, estavam interessados não em achar os pontos em comum entre as línguas, mas em “aprender a natureza da mudança” a partir de suas irregularidades (FARACO, 2005, p. 141). Ou seja, mesmo que eles ainda estivessem procurando pelas regularidades das mudanças linguísticas, começaram a olhar para aquilo que era diferente – as anomalias. Percebe-se, então, que ainda no início da era moderna, a observância tanto das similaridades como das divergências entre as línguas se fazia presente.

## **2. Séculos XX e XXI: a controvérsia continua**

Os séculos mudaram, mas a controvérsia analogia e anomalia, não. Essa dualidade de abordagens linguísticas, que remonta desde a Antiguidade clássica, com as reflexões greco-romanas, atravessou os séculos, fazendo-se presente até hoje, como ver-se-á nas próximas seções.

## 2.1. Estruturalismo

No início do século XX, o surgimento de uma nova corrente linguística – o Estruturalismo – provocou severa ruptura com a Linguística histórico-comparativa, predominante no século IX. Essa corrente, em linhas gerais, tinha como objetivo “descrever a estrutura gramatical das línguas, vendo-as como um sistema autônomo, cujas partes se organizam em uma rede de relações de acordo com leis internas” (MARTELOTTA, 2018, p. 53), e teve como principal representante Ferdinand de Saussure.

### 2.1.1. Saussure, o grande divisor de águas

Até o final do século XIX, embora muito tenha sido discutido sobre a linguagem ao longo dos séculos, não só em termos de analogia e anomalia, mas também sobre seus mais variados aspectos, a linguística ainda não era reconhecida como uma ciência independente. Porém, no início do século XX, ela deixa de ser entendida como subordinada às exigências de outros estudos, como a lógica, filosofia, retórica e história, para ser considerada uma ciência autônoma, cujos estudos passam a focar na observação dos fatos de linguagem (Petter, 2018). O grande responsável por essa quebra de paradigma foi o linguista suíço Ferdinand de Saussure.

Saussure, professor da Universidade de Genebra, teve seu único livro publicado postumamente por dois de seus alunos em 1916. Embora seu legado material tenha sido restrito a apenas um livro, suas ideias e teorias foram revolucionárias, ao passo que conferiram à Linguística o status de ciência. Saussure propõe que a língua deve ser estudada em seus próprios termos, uma vez que:

outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. [...] [então,] bem longe de dizer eu o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 39).

Em outras palavras, o que Saussure, de forma inovadora, propõe é que a língua deve passar a ser estudada sob um ponto de vista específico, dada a sua diferença com relação aos objetos das demais ciências. Assim, ele aponta que a língua deve ser analisada em si mesma, a partir de seus elementos internos, de forma autocontida e imanente.

Outra ruptura com o estudo histórico-comparativo provocada pelas teorias de Saussure foi o abandono da visão atomística da linguagem, substituída pela abordagem sistêmica, já que para ele a língua é um sistema de signos. Isto é, enquanto a Linguística histórico-comparativa ocupava-se em contrastar palavras isoladas das línguas em busca de semelhanças, Saussure pensava na língua como uma estrutura na qual “as palavras só têm valor próprio pela oposição” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 163). Ou seja, para ele, o valor do signo só pode ser entendido em relação aos demais signos do sistema, sendo determinado em oposição aos outros. Assim, o signo é aquilo que os outros não são, mas esse entendimento só pode ser alcançado dentro daquele sistema específico, com base nos demais valores, não podendo, portanto, ser analisado de forma isolada ou atômica.

Relevante, também, foi a implementação da abordagem sincrônica da língua em oposição aos estudos diacrônicos da Linguística histórico-comparativa. Saussure inova radicalmente ao propor que a língua deveria ser estudada dentro de um recorte temporal, no qual apenas as relações de valores coexistentes em um dado momento naquele sistema deveriam ser estudadas, e não todas as modificações históricas que os signos sofreram ao longo do tempo. Para facilitar a compreensão dessa ideia, Saussure (2012 [1916]) compara essas duas abordagens a cortes em uma árvore, que quando feito longitudinalmente, mostrará as fibras quase completas da planta, constituídas ao longo de muitos anos. Já ao cortá-la na transversal, “observar-se-á, na superfície da seção, um desenho mais ou menos complicado” (p. 129), que seriam as relações de valor dos signos naquele recorte histórico específico.

Muitas foram as contribuições de Saussure para a constituição da Linguística moderna como ciência autônoma da linguagem, mas para o propósito deste artigo, chamaremos atenção apenas para mais um ponto de sua obra, a distinção entre língua e fala, ou, em seus termos, *langue* e *parole*. Para Saussure (2012 [1916], p. 51), a linguagem é entendida como um objeto duplo, sendo a língua o lado social, cuja essência independe do indivíduo; e a fala, entendida por ele como secundária, por representar o lado individual, portanto heterogêneo, da linguagem. Percebe-se, então, que para Saussure, a parte da linguagem que deve ser de fato estudada é a língua, já que essa é sistemática e regular, enquanto a fala é assimétrica, já que cada pessoa imprime nela nuances diferentes, não havendo, assim, uma regularidade (Pietroforte, 2018).

Essa busca por regularidades dentro do sistema linguístico assemelha-se ao método aristotélico de estudo da linguagem, já que para esse analogista, “quanto maior a regularidade que se encontre num sistema de comunicação arbitrário ou convencional, tanto mais eficiente ele será” (ROBINS, 2004 [1967], p. 17). Assim, o posicionamento de Saussure perante os estudos linguísticos, em certa medida, assemelha-se ao posicionamento dos analogistas da Antiguidade, uma vez que, assim como Aristóteles, seu interesse era olhar para o que tem de regular e simétrico no sistema linguístico, e não para as irregularidades do uso individual da fala (embora não as negue).

### **2.1.2. A influência da obra de Saussure**

Essa abordagem linguística de Saussure (2012 [1916]), que entendia a língua como um sistema/estrutura, ficou conhecida como Estruturalismo, e sua corrente estadunidense recebeu o nome de Estruturalismo Americano. As ideias estruturalistas foram muito bem aceitas nos Estados Unidos, principalmente devido à recém-inaugurada abordagem sincrônica, que ajudou no estudo de campo das línguas ameríndias, foco do interesse linguístico americano à época (Lepschy, 1971). Porém, mesmo sendo uma ramificação do estruturalismo europeu, essa corrente guardava algumas diferenças, como o fato de olhar para o texto como um todo, e não apenas listas de palavras dentro de um sistema (Duranti, 2009). Um dos maiores representantes dessa corrente foi o antropólogo Franz Boas, especialista em línguas indígenas (Duranti, 2009). Boas também se interessava pelas similaridades entre as línguas nativas americanas, mas acreditava que essas semelhanças eram em decorrência do contato entre as línguas, e não por relações genéticas entre elas. Apesar de Boas interessar-se pelas regularidades das línguas aborígenes americanas, a fim de catalogá-las, seu trabalho acabou por revelar ao mundo justamente a grande riqueza e diversidade das línguas indígenas ao olhar, principalmente, para as manifestações culturais dessas comunidades. Com isso, foi inaugurada a Linguística Antropológica (tema esse que não abordaremos neste artigo, devido ao escopo e objetivo a que se propõe o trabalho).

Outros dois importantes representantes do Estruturalismo Americano foram Sapir e Bloomfield. O primeiro, junto a Whorf, desenvolveu a hipótese da relatividade linguística, que pressupõe que cada língua possui uma forma específica de interpretar a

realidade, isto é, para eles, “culturas diferentes veem a realidade de formas diferentes” (MARTELOTTA, 2018, p. 56). Já o segundo é considerado o linguista que mais marcou o estruturalismo americano (lepsy, 1971), cujo trabalho apoiava-se na psicologia Behaviorista, que entendia o comportamento linguístico como decorrente de um processo de estímulo e resposta (Costa, 2018).

Além do estruturalismo americano, as ideias de Saussure influenciaram também três grandes escolas linguísticas: Escola de Genebra, Escola de Praga e Escola de Copenhague (Pietroforte, 2018). A Escola de Copenhague teve como seu maior representante o Hjelmslev, linguista dinamarquês que criou a teoria chamada glossemática, que leva até o limite de suas consequências a tese saussuriana de que a língua é forma e não substância (Fiorin, 2013; Costa, 2018). Já as outras duas escolas, embora tenham sido igualmente influenciadas pelo estruturalismo, não se limitaram ao estudo puramente formal da linguagem, atribuindo-lhe um caráter funcional, o que deu origem à corrente que ficou conhecida como Funcionalismo.

## 2.2. Funcionalismo

Representado por estudiosos como Roman Jakobson, Michael Halliday e Givón, o Funcionalismo nasce na primeira metade do século XX como um movimento particular do estruturalismo, mas assume características específicas ao longo dos anos. Então, devido à influência das concepções estruturalistas, essa corrente também se interessa pela estrutura formal da língua, mas não se prende a isso, pois considera a situação comunicativa inteira: o propósito do evento de fala, seus participantes, o contexto etc., de modo que esses fatores têm o potencial de motivar, limitar e explicar a estrutura gramatical (nichols, 1984).

Cunha (2018) aponta que que essa corrente vai além da análise da estrutura gramatical ao buscar entender a motivação por trás dos fatos de fala com base no contexto situacional, bem como as funções comunicativas dos enunciados linguísticos. Dessa forma, o Funcionalismo parece dialogar com outras correntes, como a Sociolinguística e a Antropologia Linguística, já que ambas levam o contexto sociocultural em consideração em suas análises. Assim, Nichols (1984) aponta que o objetivo do funcionalismo é estabelecer uma ponte entre o estudo da linguagem e da comunicação, enquanto que

“procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (CUNHA, 2018, p. 157). Percebe-se, então, a tendência do Funcionalismo de buscar, também, regularidades (ou analogias) no uso da linguagem, de modo a entender as funções comunicativas dos enunciados. Mas, ao levarem o contexto situacional em consideração, infere-se que, em certa medida, essa corrente admite, também, a relevância das irregularidades presentes na língua em seu uso real.

### **2.3. Gerativismo**

O Gerativismo ou gramática gerativa é uma corrente que nasceu na década de 1950, nos Estados Unidos, mas que até hoje influencia os estudos da linguagem, principalmente através da Linguística Cognitiva, corrente influenciada pelo Gerativismo. Seu patrono é o linguista Noam Chomsky, que causou uma nova ruptura no modo como a linguagem era entendida e analisada até então.

#### **2.3.1. Noam Chomsky**

Chomsky rompe bruscamente com as concepções estruturalistas dominantes na época ao propor uma abordagem predominantemente mentalista da linguagem, opondo-se principalmente à abordagem behaviorista de Bloomfield, que entendia a língua como um fenômeno externo ao indivíduo. Assim, Chomsky postula que a linguagem é uma faculdade natural e inerente à espécie humana, funcionando como um componente inato ao indivíduo, que é acionado logo no início da infância (Kenedy, 2018). Ou seja, em seu entendimento, “a faculdade humana de linguagem parece ser uma verdadeira ‘propriedade da espécie’, variando pouco de indivíduo a indivíduo” (Chomsky, 1997).

Para Chomsky, conforme explica Negrão et al. (2018), a linguagem desenvolve-se no indivíduo a partir do que ele chama de estado inicial, ou Gramática Universal (GU), que, independente do ambiente linguístico no qual a criança cresça, será sempre o mesmo. Entende-se, então, que na visão chomskyniana, a GU é uma espécie de dispositivo mental inato que possibilita à criança a internalização de sua língua natural, sendo esta a combinação do estado inicial com as experiências linguísticas às quais a criança está exposta (Chomsky, 1997). Assim, o gerativismo defende que a GU traz consigo

princípios linguísticos que são comuns a todas as línguas, mas que ao ser exposta aos parâmetros específicos da língua falada naquela comunidade, molda-se de forma a adquirir as características do idioma da comunidade linguística em que se insere. De forma semelhante, Aristóteles acreditava que as expressões linguísticas variam bastante devido ao meio social em que se encontram, mas apesar disso, elas advêm das “paixões da alma”, e essas sim “são as mesmas em toda parte [para toda a humanidade]” (ARISTÓTELES, 2005, p. 85). Ou seja, guardadas as devidas proporções, é possível estabelecer uma relação entre o pensamento de Chomsky e o de Aristóteles, já que este também acreditava haver um aspecto universal nos indivíduos, as paixões da alma, o que, de certa forma, aproxima-se da teoria da GU de Chomsky.

Diferentemente de Saussure, que via a linguagem como um produto social (Saussure, 2012 [1916]), Chomsky parece entender esse fenômeno como um fator biológico do ser humano, cujo foco não está nas propriedades e padrões de seu sistema, mas em como esses fenômenos podem ser explicados “em termos dos mecanismos internos que geram expressões” (Chomsky, 1997, p. 53). Entende-se, então, que Chomsky não está interessado nos parâmetros que influenciam o produto final (o uso linguístico propriamente dito), mas sim nos mecanismos internos – os princípios universais da linguagem –, que são os responsáveis por gerar um conjunto infinito de estruturas a partir de um conjunto finito de regras, conforme explica Kenedy (2018).

Por outro lado, existe uma parte de sua teoria que se assemelha à dicotomia de língua e fala de Saussure, que é a distinção entre competência e desempenho. Por competência linguística, Chomsky entende que se trata do “conhecimento linguístico inconsciente que o falante possui sobre a sua língua” (KENEDY, 2018, 133), ou seja, tem a ver com os parâmetros universais e inatos ao indivíduo. De certa forma, esse aspecto aproxima-se do entendimento saussuriano de língua como sistema homogêneo, que contém aspectos mais gerais e regulares da linguagem. Já o desempenho linguístico (ou performance) assemelha-se à definição de fala de Saussure, já que se trata do uso concreto da linguagem e, por essa razão, está sujeita às variáveis do contexto extralinguístico, não seguindo, portanto, um padrão. Assim, nota-se que o interesse central das pesquisas de Chomsky baseia-se na competência linguística, uma vez que essa guarda características análogas em todos os indivíduos, enquanto que o desempenho, assim como a fala, varia

conforme a situação. A análise do desempenho, portanto, vai de encontro ao intuito de Chomsky, que é justamente reconhecer as propriedades comuns das línguas humanas, de forma a dar conta de todas elas.

Desse modo, nota-se que apesar de terem pontos de vista bem distintos sobre determinadas questões linguísticas, tanto Saussure como Chomsky parecem privilegiar em seus estudos os aspectos regulares e universais da linguagem. Tal fato, em certa medida, aproxima-os de pensadores como Aristóteles, Dionísio da Trácia e Apolônio Discolo, que também olhavam a linguagem pela lente das analogias/regularidades.

## **2.4. Sociolinguística Variacionista**

Conforme observado nas seções anteriores, parece haver, nos estudos linguísticos da primeira metade do século XX, uma preferência pela observância dos aspectos regulares da linguagem. No entanto, uma corrente que nasceu de forma quase concomitante ao Gerativismo adotou uma abordagem completamente diferente dos estudos que estavam sendo conduzidos à época – a Sociolinguística Variacionista. Essa, inaugurada pelos trabalhos de William Labov, vai de encontro aos postulados de Saussure e Chomsky ao defender que a linguagem deve ser observada em seu contexto real de uso, levando em consideração toda a sua diversidade, variantes e, portanto, suas irregularidades.

### **2.4.1. William Labov**

Embora não tenha sido o primeiro a tratar das irregularidades linguísticas, entendidas nessa corrente como variações, Labov foi um dos grandes responsáveis por consagrar de vez o lugar do contexto sociocultural e fatores extralinguísticos no campo dos estudos da linguagem. Para esse estudioso, a linguagem deve ser analisada dentro de uma abordagem materialista, que entende a língua como “propriedade da comunidade de fala e um instrumento da comunicação social que evolui de forma contínua e gradual ao longo da história, em resposta a uma variedade de necessidades e atividades humanas” (LABOV, 1987, p. 14- tradução nossa). Percebe-se que o posicionamento de Labov, no que tange a compreensão de língua/linguagem, é bem diferente da de Saussure (2012 [1916]), que ignorava tudo que era externo à língua em si, não levando em consideração

as variáveis do contexto. Da mesma forma, a abordagem da Sociolinguística, personificada aqui por Labov, difere bastante do Gerativismo, que atribuía à linguagem um caráter idealista e mentalista, como sendo uma propriedade individual do ser humano, bem diferente da abordagem materialista desta corrente, que entende a língua como um fato social e coletivo.

Conforme proposto por Labov (1987), a língua pertence à comunidade de fala e, assim, seu foco de interesse é a produção linguística dos membros dessas comunidades. Para os seus estudos, ele coletava dados reais da língua em uso, que serviam para analisar as variantes linguísticas de determinada comunidade, através de pesquisas quantitativas (Cezario e Votre, 2018). Ele levava em consideração fatores como idade, gênero, nível de escolaridade, local de moradia, etc., já que, em seu entendimento, todos esses aspectos influenciam na produção linguística dos indivíduos, conferindo às comunidades de fala característica próprias. Dessa forma, Labov parece ter uma compreensão do contexto extralinguístico semelhante à dos Estoicos, que perceberam que os significados das palavras podiam mudar conforme o contexto, aceitando, assim, que a linguagem possui inúmeras irregularidades (Robins, 2004 [1967]). Ou seja, tanto Labov como os Estoicos reconhecem que fatores alheios à língua em si têm o potencial de interferir na produção linguística.

Então, ao tornar a concretização linguística seu objeto analítico, Labov opõe-se à abordagem saussuriana e chomskyniana de análise da competência/língua, que buscava por universais e regularidades, ao passo que opta por analisar a performance/fala, buscando, justamente, as diferenças. Sugere-se, então, que a abordagem de Labov assemelha-se aos estudos dos antigos anomalistas, como os Estoicos e Varrão. Contudo, há de se chamar a atenção para o fato de que apesar da Sociolinguística Variacionista estudar as diversidades e irregularidades presentes na linguagem, o intuito de Labov era “reduzir essas variações para uma série de padrões quantitativos regulares, controlados pelos fatos sociais” (Labov, 1987, p. 15 - tradução nossa). Isto é, embora Labov tenha rompido com o paradigma metodológico e epistemológico predominante na época, ele continuou, de certa forma, buscando por regularidades e sistematizações da linguagem como forma de padronizar, inclusive, as diferenças.

### 2.4.2. Visão pós-moderna da Sociolinguística

Embora décadas atrás a Sociolinguística tenha rompido, como já se disse, com as principais correntes linguísticas da época, palavras como “descontextualização” e “universal” ainda eram recorrentes em seus debates (Rampton, 2000). Ou seja, apesar de se interessarem pela diversidade linguística de diferentes comunidades, os linguistas dessa corrente, assim como Labov, ainda buscavam encontrar uma certa “regularidade e uniformidade debaixo da superfície” (RAMPTON, 2000, p. 112). Contudo, os novos paradigmas de pesquisa sociolinguística da era pós-moderna, iniciadas na segunda metade do século XX e fortalecidas no século XXI, começaram a propor pesquisas que vão além de meramente descrever, de forma ingênua, as características de determinada comunidade. Conforme proposto por Rampton (2000, p. 113), “a ciência social desiste de seus sonhos de ser legisladora, “curandeira de preconceitos” e “juíza da verdade”, e, em vez disso, o melhor que pode fazer é “operar como tradutora e intérprete”. Em outras palavras, a área dos estudos da linguagem, após a virada pós-moderna, passa a se interessar não apenas em descrever a diversidade linguística de forma objetiva, mas a entender como essa diversidade se constrói nas práticas discursivas, propiciando as microanálises qualitativas, principalmente as de cunho etnográfico, capazes de observar situações específicas de determinado contexto (Rampton, 2000). Percebe-se, então, que o interesse pela diversidade linguística (ou anomalias, em comparação à antiga controvérsia greco-romana) ganha força total nos estudos sociolinguísticos do nosso século, dialogando, inclusive, com movimentos socioculturais mais amplos, que defendem, de forma ideológica, a aceitação de diferenças como um todo (mas essas são questões que extrapolam o escopo deste artigo, ficando guardadas, portanto, para outro momento).

### 3. Considerações conclusivas

Buscou-se, neste artigo, observar de que forma a controvérsia analogia e anomalia, aqui entendida no sentido de regularidades (ou universais) e irregularidades (ou variedades) linguísticas, foi abordada nos estudos da linguagem por diferentes correntes e escolas linguísticas na contemporaneidade – séculos XX e XXI. Para tal, primeiro revisitamos alguns dos principais teóricos da Antiguidade e, então, apresentamos, de

forma panorâmica, as distinções e semelhanças mais relevantes entre tais correntes, focalizando, principalmente, a forma como abordam essa questão.

Como foi possível notar, a observação dos aspectos regulares e/ou irregulares da linguagem sempre foi uma questão relevante dentro da Linguística. Desde a Antiguidade Clássica, os estudos da linguagem dividem-se entre os que buscam identificar as regularidades ou analogias presentes na linguagem, a fim de sistematizá-las, definindo padrões capazes de explicar esse fenômeno; e os que veem nas irregularidades (ou anomalias) linguísticas o ponto central de seus estudos, por acreditarem que a diversidade é parte constituinte e legítima da linguagem. Assim, conclui-se que a linguagem pode sim ser estudada por diferentes ângulos, a partir de diferentes recortes analíticos, sendo todos eles igualmente válidos e, portanto, complementares. Dessa forma, conforme apontado por Borges Neto (2004), apesar do objeto observacional ser o mesmo em todas as correntes, a linguagem humana, os objetos de investigação da Linguística variam bastante, havendo, então, espaço para diferentes teorias e abordagens dentro da ciência da linguagem, ao passo que cada uma desenvolve o mapa que melhor lhe serve para a investigação de seu objeto.

#### 4. Referências

ARISTÓTELES. **Órganon**. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005

BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CEZARIO, Maria Maura e VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. In MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 141-156

CHOMSKY, Noam. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. DELTA [online]. Vol.13, p. 51-74. 1997.

COSTA, Marcos Antonio. **Estruturalismo**. In MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 113-126

CUNHA, Angélica Furtado da. **Funcionalismo**. In MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p.157-176

DURANTI, Alessandro. **History of Linguistic Anthropology**. In SUJOLDZIC, Anita (ed.) *Anthropology Linguistics*. Oxford: Eolss Publishers Co. Ltd., 2009. p. 263-278

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FIORIN, José Luiz. **O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa**. Galáxia, nº 5, p. 19-52. Ed. de abril de 2013.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 127-140

LEPSCHY, Giulio C. **O início do Estruturalismo Estadunidense**. In: LEPSCHY, Giulio C., *A linguística estrutural*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. p. 79-100

LABOV, William. **Some Observations on the Foundation of Linguistics**. 1987 Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/Foundations.html> Acessado em: 14 de dezembro de 2019.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 43-70

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani. *A competência linguística*. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. 6. Ed., São Paulo: Contexto, 2018. p. 95-120

NICHOLS, Johanna. Functional Theories of Grammar. **Ann. Rev. Anthropol.** p. 97-117, 1984.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. 6. Ed., São Paulo: Contexto, 2018. p. 11-24

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. 6. Ed., São Paulo: Contexto, 2018. p. 75-94

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística. In MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006. P. 109-128

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Trad. Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, [1979] 2004.